

A importância de Ivolino de Vasconcellos e do IBHM na consolidação da historiografia médica brasileira.

Mauro Henrique de Barros Amoroso^{1,2}

Resumo:

O presente artigo resulta de minha pesquisa, ainda em andamento, sobre o médico Ivolino de Vasconcellos e o Instituto Brasileiro de História da Medicina (IBHM). O IBHM, que viria a se tornar sede da Federação Nacional de História da Medicina e Ciências Afins, foi fundado por Ivolino de Vasconcellos em 1945, visando o crescimento e a consolidação do campo da História da Medicina no Brasil, através, principalmente, do estímulo à produção bibliográfica em tal campo. Com esse objetivo, o IBHM veio a lançar, em 1949, a Revista Brasileira de História da Medicina, que também cumpriria a função de órgão informativo da Federação. Tal pesquisa encontra-se inserida no projeto “As ciências e sua história: uma análise bibliográfica”, que visa mapear e caracterizar a História da Ciência praticada no Brasil através, principalmente, do levantamento e análise de sua produção bibliográfica, que resultará na construção da Bibliografia Brasileira de História da Ciência (BBHC).

1) Introdução

O presente artigo resulta de minha pesquisa, ainda em andamento, sobre o médico Ivolino de Vasconcellos e o Instituto Brasileiro de História da Medicina. O presente instituto foi fundado por Ivolino de Vasconcellos em 30 de novembro de 1945, e se tornaria sede da Federação Nacional de História da Medicina e Ciências Afins, sendo o período de sua fundação caracterizado, no Brasil, por uma História da Ciência em fase de consolidação, ainda praticada, majoritariamente, por cientistas interessados em estudar o surgimento de suas respectivas áreas. Em 1949, o Instituto lançaria a Revista Brasileira de História da Medicina, com o objetivo de impulsionar a produção na área da História da Medicina, além de produzir registros históricos sobre o Instituto e a Federação. A Revista Brasileira de História da Medicina constitui-se na principal fonte de minha pesquisa, sendo que seus

¹ Mauro Henrique de Barros Amoroso é graduando em História pela UFF e bolsista do CNPq pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST).

² O presente artigo é uma versão modificada de relatório por mim elaborado a fim de obter os créditos referentes à disciplina Atividades Acadêmicas Curriculares I (AAC I).

artigos estão sendo indexados em planilhas específicas a serem inseridas na Bibliografia Brasileira de História da Ciência (BBHC), e serão analisados quantitativa e qualitativamente, a fim de que seja caracterizada a produção historiográfica de Ivolino de Vasconcelos e dos membros da Federação Nacional de História da Medicina e Ciências Afins. Tal caracterização será complementada pela análise das seções da Revista relativas a atas de reuniões e solenidades da Federação. Minha pesquisa encontra-se inserida no projeto “As ciências e sua história: uma análise bibliográfica”, sob coordenação de Alfredo Tiomno Tolmasquim, pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST).

O projeto no qual minha pesquisa se insere visa mapear e conceituar a História da Ciência no Brasil, através, principalmente, do levantamento e análise de sua produção bibliográfica. Através de tal levantamento está sendo construída a Bibliografia Brasileira de História da Ciência (BBHC)³, que se constituirá em importante instrumento para divulgação, difusão internacional e consolidação da produção bibliográfica brasileira no campo da História da Ciência. A divulgação internacional da produção bibliográfica brasileira no campo da História da Ciência se deverá ao fato da construção da BBHC fazer parte de um projeto de produção de redes supra-nacionais de informação em história da ciência e tecnologia, que visa a constituição de uma base internacional denominada *International Bibliographical Database n History of Science, Technology and Medicine*, coordenada pela *Commision on Bibliography and Documentation da International Union of History and Philosophy of Science*.

A metodologia de pesquisa empregada no projeto se baseia em levantamento e indexação de material bibliográfico, relativo a História da Ciência, em planilhas específicas. As planilhas trabalhadas na construção da BBHC contemplam quatro tipos de documentos: livros, artigos de periódicos, capítulos de livros e teses de pós-graduação, que envolvem toda a produção bibliográfica em História da Ciência publicada no Brasil, não importando o idioma. A planilha específica na qual se encontram indexados os artigos da Revista Brasileira de História da Medicina, referentes à História da Medicina, é a de artigos de periódicos. Tal planilha se encontra dividida em quatro partes: 1ª) Informações gerais, 2ª) Informações do artigo, 3ª) Informações do periódico e 4ª) Descrição do conteúdo. As primeira e segunda partes informam dados referentes à localização, idioma, data de publicação, classificação referente ao sistema classificatório adotado na construção da BBHC, autoria, origem dos autores e colação do artigo. A terceira parte traz informações referentes ao periódico, como data e local de publicação, volume/tomo, número e nome do periódico. A quarta parte informa o assunto abordado, conforme a relação de assuntos utilizadas na construção da BBHC. Serão realizados estudos quantitativos e qualitativos sobre os artigos indexados nas planilhas, envolvendo período histórico abrangido, áreas da medicina estudadas, percentagem de artigos sobre conceitos científicos, práticas médicas, biografias, trajetórias institucionais, traduções e fontes

³ A BBHC já se encontra liberada para consulta em: www.mast.br

primárias, a fim de que seja caracterizada e conceituada a História da Medicina realizada pelos membros da Federação da História da Medicina e Ciências Afins, contribuindo para o mapeamento, caracterização e conceituação da História da Ciência produzida no Brasil, conforme objetivo do projeto “As ciências e sua história: uma análise bibliográfica”, ao qual minha pesquisa se encontra inserida.

2) História da Ciência: surgimento e conceituação

Segundo Ana Maria Alfonso-Goldfarb, a História da Ciência surgiu desempenhando uma função de registro dos acontecimentos que marcavam a Ciência⁴, em um período marcado pela necessidade de justificativa constante para os atos de uma Ciência em formação, fortemente influenciada pelo campo religioso, e que se enveredava por áreas como a alquimia, a astrologia e a magia, as quais posteriormente os cronistas da Ciência Moderna negarão veementemente⁵. Assim, a História da Ciência também surge com a função de criar justificativas que sustentassem uma Ciência em vias de consolidação institucional⁶. Porém, quando a Ciência passa a adquirir a conotação moderna, a partir de meados do século XIX, ela se consolida e adquire um grau de importância que abole a necessidade de justificativa para o fazer científico, no sentido moderno. Com isso, a História da Ciência perde sua função de necessária ferramenta de justificação e consolidação, passando a ser uma crônica interna do campo científico, mais propriamente dita. Essa crônica exerce uma função didática, mostrando, ao longo do processo histórico, os erros e acertos do caminho científico percorrido até que fosse alcançado o grau positivo da Ciência Moderna, como se tal percurso fosse natural e inevitável. Os acertos se constituiriam em todos os componentes, técnicos, metodológicos e institucionais, que levariam à Ciência ao grau alcançado, enquanto os erros se constituiriam nos entraves que retardariam tal percurso inevitavelmente percorrido⁷.

A Ciência adentra o século XX em um patamar que a faz intocável, tal qual um mito baseado em promessas de progresso e grandiosidade. Porém, com as duas guerras mundiais e desastres ambientais, além de outros acontecimentos semelhantes os quais a Ciência, também, teve sua parcela de envolvimento nas conseqüências negativas, tornou-se necessária uma reavaliação ética do campo da ciência, que refletiria em um novo papel para a História da Ciência⁸. Até as décadas de 50 e 60, a História da Ciência possuía poucos procedimentos metodológicos compartilhados com a

⁴ Ana Maria Alfonso-Goldfarb. *O que é História da Ciência*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1994.

⁵ Uma tendência de reconhecer a importância e incorporar áreas como alquimia, astrologia e magia ao estudo da História da Ciência tem sido observada, devido à influência por elas exercida na formação de uma incipiente Ciência Moderna e em nomes como Newton, conforme observado em: Alfonso-Goldfarb, *op. cit.* e Helge Kragh. *An introduction to the historiography of science*. New York, Cambridge University Press, 1987.

⁶ A. M. Alfonso-Goldfarb, *op. cit.*

⁷ *Idem.*

⁸ *Ibidem.*

História, sendo que, a partir das décadas citadas, nota-se uma maior interação interdisciplinar, com a Sociologia, com a Antropologia, dentre outras áreas de conhecimento, notando-se assim a criação de características próprias singulares da História da Ciência, que passou a constituir um campo autônomo e específico próximo à História⁹.

Para melhor entendimento do novo caminho o qual a História da Ciência passaria a tomar, é necessária a discussão de determinados conceitos e denominações. H. Kragh atenta para duas implicações possíveis para o termo *História*: a primeira remete a uma reconstrução histórica puramente narrativa e factual. A segunda remete a uma interpretação crítica e teórica do passado, não relacionada à prática de apenas enumerar fatos e acontecimentos cronologicamente, a partir da primeira implicação do termo *História*¹⁰. Kragh chama atenção para o perigo de construir uma análise histórica puramente factual e cronológica que acabaria por reduzir, esvaziar o acontecimento histórico condicionando-o ao factual, enquanto acontecimento único que reside no passado, e isolando-o de análises filosóficas, econômicas, sociológicas ou sob qualquer outra visão teórica que enriqueceria sua análise. Kragh também atenta para a impossibilidade de reconstruir total e fielmente o passado histórico, sendo a *História* muito mais uma interpretação resultante da análise de fontes, o que esvazia a metodologia puramente factual e narrativa do estudo do passado¹¹.

Kragh também aponta duas concepções possíveis para o termo *Ciência*: a primeira interpreta a *Ciência* como que caracterizada pela reunião de fatores empíricos, metodológicos, proposições e conhecimentos já solidamente formulados e cientificamente aceitos, sem levar em conta a devida importância de um *processo* por trás do resultado da produção de conhecimento. A segunda interpretação envolve os ritos, normas e atitudes simbólicas dos cientistas ao longo do *processo* científico, somente captados através das fontes, e não de paradigmas imutáveis expostos em artigos acabados. A oposição entre as duas interpretações dos termos *História* e *Ciência* levanta duas questões pertinentes sobre a História da Ciência, principalmente se levarmos em conta o caminho por ela tomado a partir das décadas de 50 e 60: o conhecimento em História da Ciência deve ser construído tendo como base principal a pura historização cronológica de fatos ou a análise crítica, utilizando-se de conceitos interdisciplinares, proveniente do trabalho com fontes? Até onde o historiador da ciência deve conhecer o campo científico específico estudado¹²?

Antes de aprofundar as discussões suscitadas pelas questões acima, será traçado um quadro das abordagens realizadas pela História da Ciência no século XX. Para A. M. Alfonso-Goldfarb a primeira fase que caracterizou a História da Ciência é marcada pelo evolucionismo, levando em conta apenas os aspectos que acabaram por levar à Ciência à sua definição Moderna, sendo que os

⁹ *Idibidem*.

¹⁰ H. Kragh, *op. cit.*

¹¹ *Idem*.

¹² *Ibidem*.

elementos que em nada contribuíram, ou até retardaram esse processo, considerado inevitável pelos teóricos partidários dessa abordagem, são descartados ou considerados apócrifos, conforme exemplificado no ato de alguns historiadores da ciência ignorarem a prática da alquimia por Newton. Essa visão, também marcada pelo eurocentrismo, iniciou-se com a caracterização da Ciência Moderna, em meados do século XIX, e pode ser exemplificada pelo matemático George Sarton, em cuja obra podem ser observados pontos como a prevalência da teoria sobre a prática e a evolução natural e autônoma do pensamento através do tempo¹³.

O primeiro fator de mudança com relação a essa primeira fase da História da Ciência surgiria na década de 30, quando a influência de fatores sociais passaram a ser considerados em alguns postulados sobre evolução científica, conforme exemplificado em Joseph Needham, caracterizando, assim, a corrente externalista, que se oporia ao internalismo, marcado pela crença do desenvolvimento autônomo da Ciência. O debate entre essas duas correntes possibilitou a abertura de um leque de novos caminhos para a História da Ciência e para a análise do campo científico¹⁴. O segundo fator de mudança se constitui no rompimento com o postulado da evolução linear da Ciência, com desfecho natural na Ciência Moderna, seja o desfecho alcançado de forma autônoma (internalismo) ou pelos fatores sociais (externalismo), conforme exemplificado em Bachelard e Koyré¹⁵. A. M. Alfonso-Goldfarb também registra, na década de 50, um grupo de ingleses que passou a trabalhar com o conceito de revolução científica, elaborado a partir do postulado que houve, no século XVII, uma quebra com a linha de pensamento estabelecida, não apenas no campo científico, destacando o papel da sociedade e sua nova mundivisão. No início da década de 60, Thomas Kuhn surge com sua teoria centrada no conceito de *paradigma*, enquanto um conjunto de métodos, teorias, normas e ritos que direcionam a comunidade científica e a Ciência em determinada época, na qual ocorre um acúmulo em torno do paradigma vigente, caracterizando o período que Kuhn denomina como *ciência normal*. Quando um paradigma passa a não dar mais conta das respostas demandadas pelos questionamentos impostos ao campo científico, surgem os períodos de crise, quando surgirá um novo paradigma em substituição ao antigo¹⁶.

Com a discussão localizada na década de 60, quando surge a teoria de Kuhn, período no qual a História da Ciência começa a traçar um caminho onde passa a desenvolver características próprias singulares, em vias de constituir um campo específico dentro da História, retornemos agora às questões levantadas pelas duas interpretações dos termos *História* e *Ciência* realizadas por H. Kragh, a fim de melhor entender esse novo caminho traçado pela História da Ciência. Sobre até onde o historiador da Ciência deve conhecer, ou até mesmo dominar, o campo científico específico

¹³ A. M. Alfonso-Goldfarb, *op. cit.*

¹⁴ Apesar da discordância com relação à autonomia do desenvolvimento científico, ambas as correntes compartilham o postulado evolucionista. Cf., A. M. Alfonso-Goldfarb, *op. cit.*

¹⁵ *Idem.*

¹⁶ *Apud*, A. M. Alfonso-Goldfarb, *op. cit.*

estudado, Kragh aponta a existência de duas correntes, uma, exemplificada por Pearce Williams (1966), que enfatiza o estudo das relações histórico-sociais no campo científico, e outra, exemplificada por Whiteside, Truesdell e Aaboe, que enfatiza os aspectos técnicos de cada campo científico específico estudado¹⁷. Para T. Kuhn, e até, mesmo sendo partidário de uma das correntes, para Pearce Williams, as ênfases realizadas por ambas as correntes não necessariamente se excluem, sendo que, conforme observado por Kragh, a complexidade da Ciência, enquanto objeto de estudo, e das formas de abordagem realizadas pela História da Ciência suportam diversos tipos de aproximação e estudo do objeto em questão. Ainda é importante observar que a História da Ciência não deve ser vista como corpo subordinado à Ciência, sendo que para A. M. Alfonso-Goldfarb essa subordinação enfraquece o campo da História da Ciência¹⁸, e, conforme observou Canguilhem, seus objetos de estudo também são separados¹⁹, ou seja, *o campo de estudo da ciência alemã durante o nazismo não é o mesmo do historiador da ciência que estuda a ciência alemã durante o nazismo*²⁰. Concluindo, a relação de conhecimento do campo científico específico estudado pelo historiador da ciência varia de acordo com a proximidade com tal campo proporcionada pela abordagem da pesquisa²¹.

Segundo H. Kragh, a definição moderna de cientista, surgida em meados do século XIX, não deve ser estendida, devido ao risco de anacronismo, a períodos anteriores, logo, os indivíduos relevantes para a História da Ciência não são apenas os cientistas, no sentido moderno do termo, mas também filósofos, artesãos, teólogos, alquimistas e amadores do campo científico. Kragh aponta para a necessidade de relativização do conceito de Ciência, para que campos anteriores à sua conceituação moderna que contribuíram para seu desenvolvimento, como a alquimia, a magia, o ocultismo e a influência religiosa, também sejam abordados pela História da Ciência. Um exemplo dessa situação é o ato de ignorar as incursões realizadas por Newton no campo da alquimia, realizado por historiadores da ciência como M. Boas Hall e I. B. Cohen, porém, tais incursões também são reconhecidas por outros historiadores da ciência, como R. Westfak e B. Dobbs, pelo fato da alquimia constituir importante elemento histórico-cultural, do qual Newton fez parte e por ele teve seu trabalho influenciado²². Daí conclui-se a necessidade de considerar diferentes aspectos sócio-culturais, não-científicos, anteriores à definição moderna de Ciência, assim como as diferentes visões oriundas da relativização do conceito de Ciência²³.

Para Kragh, a relativização do conceito de Ciência rompe com correntes temporais que poderiam ser aplicadas à História da Ciência, uma vez que, através dessa prática, surgem potenciais

¹⁷ H. Kragh, *op. cit.*

¹⁸ A. M. Alfonso-Goldfarb, *op. cit.*

¹⁹ *Apud.*, H. Kragh, *op. cit.*

²⁰ H. Kragh, *op. cit.*

²¹ *Idem.*

²² *Idem.*

²³ *Ibidem.*

objetos de estudo temporalmente longínquos aos séculos XVIII e XIX, como *Stonehenge*. Também não deve ser negligenciado o estudo da História da Ciência contemporânea, sob a justificativa de que a proximidade com o objeto pode comprometer a capacidade analítica e crítica do historiador da ciência, uma vez que o distanciamento temporal não é o principal fator que implica na clareza e viabilidade de determinado objeto, devendo o historiador da ciência saber trabalhar a especificidade da contemporaneidade, assim como dos recortes temporais anteriores²⁴.

3) Campo científico: abordagens de sua organização

Conforme já dito antes, a utilização e contribuição de avanços técnico-científicos para fins de destruição, como no caso de guerras, ou a perda de controle de tais avanços resultando em desastres ambientais, entre outras coisas, levou à elaboração de uma análise crítica sobre o fazer científico e quais deveriam ser suas finalidades, levando-se em conta pressupostos éticos, conforme exemplificado em artigo de Robert Merton, um dos fundadores da sociologia da ciência, elaborado em 1942²⁵. Segundo Merton, os ataques que vinham sendo feitos ao campo da Ciência revelam a dependência desta da sociedade, desalojando-a do pedestal inalcançável o qual alguns intelectuais a punham, e, ao mesmo tempo, suscitando uma autocrítica por parte de cientistas. A sociologia da ciência deveria ter por objeto de estudo o comportamento científico, sua relação com a sociedade, ritos, costumes e normas do campo da ciência, e não apenas apurar aspectos puramente técnicos da metodologia de pesquisa, ou seja, a sociologia da ciência deveria buscar relacionar o desenvolvimento científico com a estrutura social²⁶. O objetivo da Ciência se baseia no alargamento dos conhecimentos científicos, através de provas empíricas relacionadas a corolários lógico-teóricos, de onde derivam imperativos institucionais, além de proscricções técnicas e morais acerca do comportamento científico²⁷.

Outra visão tomada como clássica sobre a organização do campo da ciência é a teoria de Thomas Kuhn sobre a função do paradigma no desenvolvimento da Ciência. Segundo Kuhn, a comunidade científica seria marcada pela adesão dogmática a um paradigma, incutido desde os

²⁴ *Idibidem*.

²⁵ Robert K. Merton. “Os imperativos institucionais da ciência”. In: Jorge Dias de Deus (org). *A crítica da ciência: sociologia e ideologia da ciência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1979.

²⁶ *Idem*.

²⁷ Os imperativos institucionais, segundo Merton, seriam quatro: 1) universalismo, onde o campo científico é caracterizado como autônomo. 2) comunismo, onde o conhecimento gerado no seio da sociedade deveria ser livremente compartilhado por ela. 3) desinteresse, onde se observa o campo científico rigidamente controlado por seus membros, o que dificulta realizações de superações de concorrentes do campo a qualquer preço, até ilicitamente. 4) ceticismo organizado, onde o cientista, devido à sua característica de sempre buscar a prova para qualquer postulado, acabaria, inevitavelmente, entrando em conflito com outras instituições, como a Igreja e o Estado. Para uma discussão mais aprofundada da visão de Merton sobre esses imperativos institucionais ver: R. K. Merton, *op. cit.*

primórdios da aprendizagem profissional do cientista, através da educação científica²⁸, que conduziria a investigação científica, ditando a metodologia adequada, conjunto de respostas que poderiam ser aceitas como científicas e até o leque de erros esperados²⁹. Nota-se a vigência de apenas um paradigma oficial e universalmente aceito, sem coexistência com outro de tal status, no qual se lança a crença de resolução de todos os problemas propostos pela natureza, bastando apenas, para tal, aperfeiçoá-lo³⁰. O paradigma, por ser universalmente aceito e conter proscricções metodológicas, além de abrir um leque de resoluções possíveis e erros esperados, possibilita a abordagem de questões de considerável grau de complexidade, sendo o paradigma, assim, um sinal de maturidade científica³¹. O paradigma não surge totalmente terminado, sendo que seu aperfeiçoamento visando a melhor adaptação à Natureza garante a não-estagnação da Ciência, e também não é permanente, sendo que um erro não previsto pelo paradigma se repetindo com frequência é sinal de necessidade de substituição do mesmo, o que também garante a não-estagnação da Ciência³². Assim, para Kuhn, o paradigma se constitui no elemento que dita todo o *modus operandi* do cientista enquanto profissional, e por isso, ele tende a resistir a qualquer ataque que o paradigma, ou a organização paradigmática da Ciência, sofra, temendo que seu *modus operandi* profissional sofra abalos, o que revela que talvez as representações acerca da abertura do cientista ao novo, ao diferente e inexplorado não sejam tão realistas³³.

Para A. M. Alfonso-Goldfarb, a teoria de Kuhn talvez, com uma análise superficial, dê margem a uma interpretação de desenvolvimento linear da evolução científica, o que a autora se apressa logo a negar, sob a justificativa de que Kuhn não aponta um paradigma específico, como o da Ciência Moderna, por exemplo, como superior, devido às diferenças históricas e sócio-culturais entre as diferentes sociedades ao longo do processo histórico³⁴. Assim, conforme também observado por Alfonso-Goldfarb, a Ciência Moderna, agora historicizada, deixava de ser vista como o fim de um processo evolutivo inevitável, o que libertou a História da Ciência da necessidade de estudar os pais da Ciência Moderna, além de favorecer estudos interdisciplinares sobre gênero, cultura, arte, sociedade, magia e religião³⁵. Porém, apesar da teoria de Kuhn ter libertado a História da Ciência da visão evolutiva que culminava na idealização da Ciência Moderna, ela retrata, idealisticamente, o desenvolvimento científico como autônomo, não influenciado pelas estruturas sociais, conforme

²⁸ Porém, Kuhn reconhece que esse esquema de perpetuação do paradigma através da educação científica não se aplica totalmente às Ciências Humanas.

²⁹ Thomas S. Kuhn. "A função do dogma na investigação científica". In: Jorge Dias de Deus (org). *A crítica da ciência: sociologia e ideologia da ciência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1979.

³⁰ *Idem*.

³¹ *Idem*.

³² *Ibidem*.

³³ *Idibidem*.

³⁴ A. M. Alfonso-Goldfarb, *op. cit.*

³⁵ *Idem*.

observado em crítica formulada por Pierre Bourdieu³⁶. Será analisada agora a conceituação elaborada por Bourdieu sobre *campo científico*, a fim de sua crítica a Kuhn seja melhor compreendida, e também para que sejam analisadas as relações entre o funcionamento estrutural do campo científico e a estrutura social.

Bourdieu define o universo onde se constrói o conhecimento científico como um campo social qualquer, possuidor de normas, ritos, conflitos, interesses e lucros específico, sendo que “o próprio funcionamento do campo científico *produz e supõe uma forma específica de interesse*”³⁷. O campo científico seria, assim, um espaço de luta concorrencial por autoridade científica, caracterizada como legitimação socialmente outorgada de falar e agir oficialmente em nome da Ciência, e poder social, sendo que na análise crítica do campo científico não se deve nunca separar autoridade científica dos aspectos técnico-epistemológicos, como aparelhagem e ferramentas teórico-metodológicas, pois a ostentação de autoridade científica influencia o modo de encarar tais aspectos, implicando que ambos sejam analisados em sua relação de dupla face³⁸. Ou seja, para Bourdieu a Sociologia da Ciência deve banir de suas análises a oposição entre desenvolvimento científico totalmente autônomo ou completamente influenciado, de forma passiva, pela estrutura social. O conflito que se desenvolve no campo científico envolve disputa pela autoridade científica (conflito político) e pela imposição de uma definição de Ciência (conflito epistemológico) que melhor beneficie os interesses do grupo no topo da hierarquia do campo científico, caracterizando um conflito *político ao mesmo tempo que epistemológico*, o que denota a existência de uma hierarquia social intrínseca ao campo científico, que deve ser estudado em sua totalidade, jamais isolado da estrutura social no qual se encontra inserido³⁹.

A autoridade científica em disputa, assim como a legitimação socialmente outorgada de representar a Ciência, além de caracterizá-la, metodológica e epistemologicamente, constituem o *capital científico*, um tipo de capital simbólico que pode ser convertido em outras variedades de capitais, inclusive materiais e financeiros⁴⁰. Bourdieu retrata o campo científico como estando estruturado na distribuição do capital científico e nas tentativas de subversão e/ou manutenção do mesmo, o que resulta nas mudanças estruturais da hierarquia científica do campo. Quanto mais autonomia possuir o campo científico, mais a regulação da autoridade científica, que influencia na distribuição de capital científico, fica a cargo dos próprios cientistas, sendo que quando um elemento externo ao campo é chamado para avaliar, julgar e divulgar o trabalho científico, o membro do campo científico responsável por tal convite é prontamente desqualificado por seus colegas⁴¹. Tal situação

³⁶ Pierre Bourdieu. “O campo científico”. In: Renato Ortiz (org). *Sociologia*. São Paulo, Ed. Ática, 1983.

³⁷ *Idem*, p.123.

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ *Idibidem*.

⁴⁰ P. Bourdieu, *op. cit.*

⁴¹ *Idem*.

exemplifica a proposição de Fed Reif de que além da pesquisa científica ser condicionada ao seu sujeito realizador, também se encontra condicionada aos seus colegas⁴², que regulam o campo científico, de acordo com o grau de autonomia do mesmo, através do controle da delegação de autoridade científica, por ferramentas institucionalizadas como prêmios, menções e títulos, que resultam no maior ou menor acúmulo de capital científico, sendo que a quantidade de capital científico acumulado por determinado membro do campo determina o grau de ousadia de suas hipóteses a serem construídas, o planejamento de sua carreira e projeções acadêmicas futuras⁴³.

A diferente distribuição do capital científico dentro do campo dá forma à sua disputa intrínseca, entre o grupo dominante (maior capital acumulado) e o grupo dominado (menor capital acumulado)⁴⁴. O primeiro grupo adota a estratégia de conservação, apoiado pelo controle sobre os aparatos institucionalizados do campo (premiações, periódicos, instituições de ensino, ritos, normas e métodos), enquanto o segundo grupo pode adotar a estratégia de sucessão, onde colherá os resultados ao final de um longo processo por ter respeitado as normas e regras do campo científico, ou a estratégia de subversão, cuja a ocorrência de resultados é ainda mais longa, dispendiosa e arriscada, por ir de encontro à toda estruturação do campo científico⁴⁵. A escolha, pelo grupo dominado, entre as estratégias de subversão ou sucessão dependerá do grau de ligação desse grupo com a ordem social do campo, pois quanto mais rapidamente forem inseridos no corpo institucional-administrativo, intrinsecamente ligado à ordem social interna ao campo, menores serão as chances de optarem pela estratégia de subversão⁴⁶.

Concluindo, Bourdieu aponta o campo científico como intimamente relacionado com a estrutura social na qual se encontra inserido. Sua crítica a Kuhn reside na visão, caracterizada como idealista por Bourdieu, do desenvolvimento independente, autônomo da Ciência. Bourdieu diz que o cientista antecipa, conscientemente ou não, suas chances de lucro (em termos de capital científico, que, mais uma vez ressaltando, pode ser convertido em capital material e/ou financeiro) de determinado objeto a ser pesquisado, determinando seu interesse em dar vida a tal pesquisa, sendo que a competição entre vários cientistas em torno de um mesmo objeto reduz sua lucratividade científica, o que leva à busca de outro objeto, mais lucrativo. Tal postulado relaciona o desenvolvimento da Ciência à conjugação do campo científico com a estrutura social, tirando o caráter autônomo de tal desenvolvimento. Bourdieu também afirma que as teorias sobre construção de conhecimento científico muitas vezes estão relacionadas à validação de um projeto político dentro do campo, exemplificando tal afirmação na teoria de desenvolvimento autônomo da Ciência, com a comunidade científica seguindo um paradigma universalmente aceito, estando o caráter

⁴² *Apud*, P. Bourdieu, *op. cit.*

⁴³ P. Bourdieu, *op. cit.*

⁴⁴ *Idem.*

⁴⁵ *Ibidem.*

⁴⁶ *Idibidem.*

revolucionário legado a cientistas não socializados no campo, sendo que tal teoria de desenvolvimento científico só interessaria aos que estão no topo da hierarquia científica. Segundo o próprio Bourdieu: “... a sociologia do conhecimento ou da ciência nada mais sendo do que a forma mais irrepreensível das estratégias de desqualificação do adversário enquanto ela tomar por objeto os adversários e suas estratégias e não o *sistema completo de estratégias, isto é, o campo das posições a partir do qual elas se engendram*”⁴⁷.

4) A História da Ciência no Brasil

As primeiras produções envolvendo História da Ciência elaboradas no Brasil datam do século XIX, e pode-se perceber que tal atividade era complementar ao trabalho científico, e abordava, basicamente biografias, relatos de instituições e/ou eventos científicos⁴⁸, tendo por característica a função meramente crônica do fazer científico, comum à História da Ciência do período conforme apontado por A. M. Alfonso-Goldfarb⁴⁹. Exemplificando tais produções temos: Ladislau Neto, *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional* (1870), Louis Couty, *O ensino superior no Brasil*, Gazeta Médica da Bahia (1884) e A. Goeldi, *Algumas notícias sobre a vida de Alexandre Rodrigues Ferreira*, Revista da sociedade de Estudos Paraenses, t. 1, fasc. III (1894), dentre outros.

No início do século XX deu-se a primeira tentativa de organização institucional da História da Ciência no Brasil, com a fundação da Academia Brasileira de História da Ciência (1937), formada por cientistas, e com pretensões de inserção da História da Ciência produzida no Brasil em um âmbito internacional⁵⁰, graças à sua ligação com a Academie International d’Histoire des Sciences. Já aquele que é considerado o marco da historiografia da ciência no Brasil se deu em 1955, com o lançamento da coletânea de artigos, elaborados por cientistas contando a história de suas áreas, organizados por Fernando de Azevedo, *As ciências no Brasil*. Algumas cátedras em História da Ciência começaram a surgir em algumas universidades já na década de 60.

Na década de 70 a institucionalização da História da Ciência no Brasil deu-se com mais força devido à criação de institutos e centros de pesquisa e ensino. Tal institucionalização sofreu os ecos do processo de influência interdisciplinar, mostrado por A. M. Alfonso-Goldfarb, vivido pela História da Ciência, durante as décadas de 50 e 60, principalmente, que a aproximou das principais questões teórico-metodológicas pertinentes a outras áreas, como a Sociologia, a Antropologia, e a própria

⁴⁷ P. Bourdieu, *op. cit.* p. 155.

⁴⁸ Os dados e proposições sobre História da Ciência no Brasil que serão expostos foram retirados de: Alfredo Tiomno Tolmasquim, Lúcia Alves da S. Lino & Alexandre Magno da Costa. “As ciências e sua história: uma análise bibliográfica”, mimeog.

⁴⁹ A. M. Alfonso-Goldfarb, *op. cit.*

⁵⁰ Conforme visto anteriormente, à época marcada pelo debate entre as correntes internalista e externalista acerca do desenvolvimento científico. Cf., A. M. Alfonso-Goldfarb, *op. cit.*

História⁵¹. Tal processo corre paralelo, ao mesmo tempo em que contribui para, à menor atenção ao factual simplista e puramente narrativo dado pela História da Ciência, que passa a priorizar, assim, a construção de uma produção mais crítica, que utilizasse conceitos interdisciplinares⁵², sendo que tal processo também atua nos novos marcos de institucionalização da História da Ciência no Brasil. Eis alguns marcos dessa institucionalização: criação do Núcleo de História da Ciência e da Tecnologia da USP, juntamente com curso de pós-graduação em História da Ciência como linha de pesquisa no departamento de história (1973), criação do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da UNICAMP (1974), criação do Museu de Astronomia e Ciências afins (1985), criação da Casa de Oswaldo Cruz, vinculada à Fundação Oswaldo Cruz (1986), Criação do Centro Simão Mathias de estudos em História da Ciência da PUC-SP (1994), e do seu curso de pós-graduação (1999), criação do Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História da Ciência da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1996). Em 1983 foi criada a Sociedade Brasileira de História da Ciência, inicialmente com seu núcleo na USP, e a partir de 1986 tiveram início a realização de congressos nacionais a cada dois anos. Outra repercussão dessa maior institucionalização da História da Ciência foi o aparecimento de periódicos específicos, como *Cadernos de História da Ciência e Filosofia da Ciência* (1980), *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência* (1985), *Perspicillum* (1987), *Manguinhos; História, Ciências, saúde* (1994) e *Episteme* (1996).

5) Ivolino de Vasconcellos e o Instituto Brasileiro de História da Medicina

No presente item será apresentado o objeto específico de minha pesquisa. Tal objeto constitui-se em um estudo de caso sobre o Instituto Brasileiro de História da Medicina, idealizado e fundado pelo médico Ivolino de Vasconcellos. Foram analisados os números da Revista Brasileira de História da Medicina, publicada sob os auspícios do Instituto, a fim de que seus artigos sobre História da Medicina sejam incluídos na BBHC, contribuindo para sua construção, conforme um dos objetivos do projeto principal no qual minha pesquisa específica se insere, e a fim de que possa ser realizada uma caracterização da produção em História da Ciência, mais especificamente História da Medicina, realizada pelos membros do Instituto, principalmente Ivolino de Vasconcellos, também conforme um dos objetivos do projeto principal no qual minha pesquisa específica se insere.

Em 30 de novembro de 1945 foi fundado o Instituto Brasileiro de História da Medicina, tendo como figura central o Dr. Ivolino de Vasconcellos, e sendo que tal dia passou a ser conhecido como “dia da história da medicina”. Esse instituto foi sede da Federação Nacional de História da Medicina e Ciências Afins, formada por outros institutos de história da medicina espalhados pelo país. O Instituto

⁵¹ *Idem.*

⁵² Conforme discussão anteriormente realizada sobre as distintas concepções de *História* e *Ciência* tendo como base: H. Kragh, *op. cit.*

Brasileiro de História da Medicina, assim como os outros institutos da Federação, tinha por um de seus objetivos estimular a produção científica no campo da história da medicina, e, como ferramenta para tal, criou, em 1949, a Revista Brasileira de História da Medicina, cujo período de circulação foi de 1949 a 1963, além do biênio 1969/70. Tal publicação foi também um meio de produzir registros históricos relativos aos diversos institutos, através da publicação de atas de reuniões e de um noticiário dos acontecimentos de interesse da Federação⁵³.

Ivolino de Vasconcellos, idealizador e presidente perpétuo do Instituto, nasceu em 5 de junho de 1917. Graduou-se doutor em medicina pela Faculdade Fluminense de Medicina, em 1939, e doutor em direito, pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1949. Foi docente-livre de Clínica Médica da faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, a qual ingressou com a tese *Síndrome de Korsakoff* (1949), além de ministrar cursos de História da Medicina em nível de extensão universitária, pela mesma instituição, até a criação da cátedra de História da Medicina, a qual teve papel de destaque, em 1954. Foi Laureado pela Academia Nacional de Medicina, em 1941, e pela Academia Brasileira de Letras, em 1951. Além de fundar e presidir, até seu falecimento, o Instituto Brasileiro de História da Medicina, pertenceu aos Institutos de História da Medicina do PA, MA, PE, BA, MG, SP, PR, RN, às Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e São Paulo, à Sociedade Brasileira de Medicina Social e do Trabalho, à ABI e ao IHGB, do qual foi eleito sócio efetivo em 1953, passando a benemérito em 1988. Também foi membro das Sociedades de História da Medicina da Argentina, Peru, México, Roma e Alemanha, e sócio correspondente dos Institutos Históricos e Geográficos do PA, MA, SP e BA, e das Academias Fluminense de Letras e Pernambucana de Letras. Fundou e dirigiu a Revista Médica Brasileira e a Revista Brasileira de História da Medicina, escrevendo mais de 200 artigos, em periódicos nacionais e estrangeiros, sobre medicina clínica, história da medicina e medicina social, além de ter lançado o livro *Francisco de Castro* (1951), premiado pela ABL⁵⁴. Faleceu em 28 de janeiro de 1995.

Eis algumas das relevantes realizações de Ivolino de Vasconcellos e do Instituto Brasileiro de História da Medicina:

- . 1951 – I Congresso Brasileiro de História da Medicina. Ano em que também foi promulgada a lei 1469 B, que instituía o Instituto Brasileiro de História da Medicina como órgão de utilidade pública.
- . 1953 – II Congresso Brasileiro de História da Medicina.

⁵³ O parágrafo que se seguiu é uma versão modificada da “Introdução” de: Mauro H. de B. Amoroso. “Dr. Ivolino de Vasconcellos e o Instituto Brasileiro de História da Medicina: pela produção de uma história da medicina no Brasil”. In: *VIII Jornada Científica, bolsistas de iniciação científica: resumo das comunicações*. Rio de Janeiro, MAST. Notas Técnico-Científicas, 2003.

⁵⁴ As informações biográficas sobre Ivolino de Vasconcellos foram retidas de: *Dicionário Biobibliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros*. Rio de Janeiro, IHGB, v. 1, 1991.

. 1954 – Criação da Cátedra de História da Medicina da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, na qual Ivolino teve participação decisiva. Também foi o ano ao qual Ivolino de Vasconcellos apresentou ao papa Pio XII a sua “Oração do Médico”, publicada pela primeira vez na Revista Médica Brasileira, em 1946.

. 1958 – I Congresso Pan-Americano de História da Medicina/III Congresso Brasileiro de História da Medicina.

. 1961 – II Congresso Pan-Americano de História da Medicina, em Caracas, Venezuela, presidido por Ivolino de Vasconcellos.

Ivolino de Vasconcellos via a Ciência Médica como uma arte, a qual a classe médica deveria estar sempre buscando a perfeição em sua execução. Haveria uma necessidade de alicerçar a cultura médica nos ensinamentos da História da Medicina, que deveria ser progressivamente encarada como arte, escola de pesquisa e “ciência encantadora”, através da qual se alcançaria o entendimento funcional da mola propulsora da civilização, sendo que a fundação do Instituto Brasileiro de História da Medicina acabaria por elevar o Brasil ao “âmbito das nações cultas”⁵⁵. O Instituto Brasileiro de História da Medicina era formado por médicos, o que coloca sua produção em um âmbito inicial da História da Ciência, onde se vê sua produção realizada por cientistas, e não historiadores, historicizando sua própria especialidade científica, tanto em âmbito internacional⁵⁶ quanto nacional⁵⁷. Porém, conforme observado, os membros do Instituto, principalmente Ivolino, consideravam a História da Medicina como elemento principal de uma medicina encarada como arte, que deveria ser sempre levada a alcançar a perfeição. A História da Medicina também teria papel elementar na formação médica, criando no aprendiz da ciência médica um sólido corpo de proposições éticas, essencial para a elevação da medicina ao patamar de arte sempre em busca da perfeição. Sendo assim, devido ao elevado grau de importância atribuída à História da Medicina pelos membros do Instituto Brasileiro de História da Medicina, seria correto afirmar que, para os membros do Instituto, a História da Medicina seria apenas uma complementaridade a suas atividades científicas oficiais, conforme A. M. Alfonso-Goldfarb caracteriza o surgimento da História da Ciência em seu momento inicial⁵⁸? O papel de destaque atribuído à História da Medicina, pelos membros do Instituto, na formação ética do médico estaria relacionado às discussões demandadas pela sociedade sobre a ética científica, surgidas pela utilização e participação da Ciência em guerras e desastres ambientais⁵⁹? É interessante observar que se a História da Ciência, inicialmente, não teve um papel

⁵⁵ Roberval Bezerra de Menezes. “Ivolino de Vasconcellos e a História da Medicina”. Revista Brasileira de História da Medicina, nº 3, v. 11, Rio de Janeiro, 1960.

⁵⁶ Cf., ALFONSO-GOLDFARB, *op. cit.*

⁵⁷ Alfredo Tiomno Tolmasquim, Lúcia Alves da S. Lino & Alexandre Magno da Costa, *op. cit.*

⁵⁸ A. M. Alfonso-Goldfarb, *op. cit.*

⁵⁹ *Idem.*

principal no campo de discussão sobre ética científica, em detrimento de áreas como a filosofia e a sociologia da ciência⁶⁰, a História da Medicina possuía papel central, atribuído pelos membros do Instituto Brasileiro de História da Medicina, na discussão sobre ética médica, constituindo elemento principal na formação ética do médico. Ivolino de Vasconcellos utilizava as mesmas fontes primárias utilizadas por historiadores: “arquivos de família, livros de ordens régias, teses médicas, relatórios, coleções de jornais, monografias, nada desprezando.”⁶¹ Tal descrição levanta a seguinte questão: seria Ivolino de Vasconcellos conhecedor e estudioso da teoria e metodologia da História, aplicando-as em suas pesquisas? O aprofundamento de tal questão pode ser relacionado ao aprofundamento da discussão, anteriormente percorrida, realizada por H. Kragh, sobre até onde o domínio de determinado campo científico específico seria, ou não, pré-requisito para a produção em história da Ciência sobre tal campo científico específico⁶². Outra questão pertinente diz respeito à possibilidade de análise da comunidade formada pelos membros do Instituto Brasileiro de História da Medicina, suas relações internas e com a sociedade, pelo conceito de *campo científico*, conforme abordado por Pierre Bourdieu. A já citada lei 1469 B demonstraria a relação entre o Instituto Brasileiro de História da Medicina, enquanto *campo científico*, e a Sociedade, conforme conceituada, a relação, por Bourdieu⁶³? Como se daria e como influenciaria a hierarquia do Instituto Brasileiro de História da Medicina o fluxo e acúmulo de *capital científico*⁶⁴, assim como a conversão desse em outro tipo de capital, como financeiro e material⁶⁵? Como a *autoridade científica*⁶⁶ relegada a Ivolino de Vasconcellos influenciava em suas relações internas ao Instituto e/ou com elementos da estrutura social, e como influía em seu *capital científico* acumulado⁶⁷?

Maior amplitude será proporcionada à abordagem de tais questões, visando à solução das mesmas, ao longo do andamento de minha pesquisa, que em seu estágio atual, porém, já possibilita certas caracterizações de cunho mais objetivo, baseadas nos artigos da Revista Brasileira de História da Medicina indexados em planilhas já inseridas na BBHC, acerca da produção em história da medicina de Ivolino e dos membros do Instituto Brasileiro de História da Medicina, assim como os dos outros Institutos formadores da Federação: produção historiográfica localizada entre os anos de 1949 a 1963, além do biênio 1969/70. Os responsáveis por essa produção eram em sua totalidade médicos, havendo grande incidência de artigos sobre a medicina brasileira dos séculos XIX e XX. Há também predominância de artigos de autoria de Ivolino de Vasconcellos, onde se nota a

⁶⁰ *Ibidem.*

⁶¹ Roberval Bezerra de Menezes. “Ivolino de Vasconcellos e a História da Medicina”. Revista Brasileira de História da Medicina, nº 3, v. 11, Rio de Janeiro, 1960.

⁶² H. Kragh, *op. cit.*

⁶³ P. Bourdieu, *op. cit.*

⁶⁴ P. Bourdieu, *op. cit.*

⁶⁵ *Idem.*

⁶⁶ *Ibidem.*

⁶⁷ *Idibidem.*

preponderância de uma veia biográfica, de exaltação dos grandes nomes da medicina, não só brasileira, mas também mundial. Os artigos dos demais membros do Instituto também são marcados, em sua maioria, pela linha de exaltação à ciência médica. Para concluir, fica a questão que se pretende responder ao término da pesquisa: em que ponto entre os dois pólos de produção em História da Ciência apontados por H. Kragh, a história factual-objetiva e vazia e a história analítica, crítica e interdisciplinar⁶⁸, poderá se situar a produção em História da Medicina realizado pelos membros do Instituto Brasileiro de História da Medicina, e, principalmente, Ivolino de Vasconcellos?

BIBLIOGRAFIA:

- ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. *O que é História da Ciência*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1994.
- AMOROSO, Mauro H. de B. "Dr. Ivolino de Vasconcellos e o Instituto Brasileiro de História da Medicina: pela produção de uma história da medicina no Brasil". In: *VIII Jornada Científica, bolsistas de iniciação científica: resumo das comunicações*. Rio de Janeiro, MAST. Notas Técnico-Científicas, 2003.
- Dicionário Biobibliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros*. Rio de Janeiro, IHGB, 1991. v. 1.
- BOURDIEU, Pierre. "O campo científico". In: ORTIZ, Renato (org). *Sociologia*. São Paulo, Ática, 1983.
- KRAGH, Helge. "History of science". In: *An introduction to the historiography of science*. New York, Cambridge University Press, 1987.
- KUHN, Thomas S. "A função do dogma na investigação científica". In: DEUS, Jorge Dias de (org). *A crítica da ciência: sociologia e ideologia da ciência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1979.
- MENEZES, Roberval Bezerra de. "Ivolino de Vasconcellos e a História da Medicina". *Revista Brasileira de História da Medicina*, Rio de Janeiro, nº 3, v. 11, 1960.
- . "Uma trilogia valiosa". *Revista Brasileira de História da Medicina*, Rio de Janeiro, nº1, v. 14, 1963.
- MERTON, Robert K. "Os imperativos institucionais da ciência". In: DEUS, Jorge Dias de (org). *A crítica da ciência: sociologia e ideologia da ciência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1979.
- TOLMASQUIM, Alfredo Tiomno, LINO, Lúcia Alves da S. & COSTA, Alexandre Magno da. "As ciências e sua história: uma análise bibliográfica", mimeog.

⁶⁸ H. Kragh, *op. cit.*

Dados pessoais:

Nome do autor: Mauro Henrique de Barros Amoroso

Apresentação: Mauro Henrique de Barros Amoroso é graduando em História pela UFF e bolsista de iniciação científica do CNPq pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins, relativo ao projeto “As ciências e sua história: uma análise bibliográfica”, sob orientação de Alfredo Tiomno Tolmasquim.

Telefone de contato: 2572-3692 / 9797-9984.

E-mail: m.amoroso@globo.com